

Maeve Jinkings se consagra uma atriz versátil em 'DNA do Crime'

Artista brasileira que deslançou com 'O Som ao Redor', de Kleber Mendonça Filho, agora vira uma estrela da Netflix

Danilo Thomaz

RIO DE JANEIRO Uma policial federal dividida entre a burocracia e o trabalho de campo. Uma mãe dividida entre a vida profissional e a maternidade. Uma mulher dividida entre a satisfação pessoal e as cobranças matrimoniais. Assim é Suellen, personagem da atriz Maeve Jinkings, coprotagonista da série "DNA do Crime", criada pelo cineasta Heitor Dhalia para a Netflix.

"Ela fica dividida entre o trabalho e a maternidade. Essa foi uma das coisas que mais me interessaram na curva da personagem — a maneira como ela não abre mão desse ofício", diz a atriz, em entrevista por vídeo.

A lembrança não é distante para Jinkings, tanto na vida real quanto na ficção. Em 2016, ela interpretou em "Aquarius", filme de Kleber Mendonça Filho, a filha da jornalista Clara, personagem de Sônia Braga. A jovem tinha um claro ressentimento pela mãe, uma mulher dividida entre a maternidade e a vida profissional, que a distanciou da casa e dos filhos para suas pesquisas de campo.

Na vida real, a atriz é filha de Leila Jinkings, uma fotojornalista paranaense numa época de poucas mulheres na profissão, que trabalhou com figuras importantes do MDB, quando o partido era símbolo da redemocratização. Jinkings acredita que se não fosse a convivência com a mãe, que também lutou pela preservação de um edifício de estilo moderno chamado "Aquarius", não teria perseverado em uma carreira tão dura como a de atriz.

Sua trajetória começou em 1999 e incluiu trabalhos com nomes como Carlos Reinchenbach, "Falsa Loira", de 2007, e seu primeiro longa. A atriz considera, entretanto, que seu salto foi com "O Som ao Redor", de Mendonça Filho.

A personagem de "DNA do Crime" é bastante distinta da dócil Mila, de "Os Outros", série de Lucas Paraizo que fez sucessivamente no Globoplay. Como também da Suellen de "Pedágio", filme de Carolina Markowicz exibido na Mostra de São Paulo que agora entra em cartaz. Jinkings considera a cobradora de pedágio "a antítese da Suellen de 'DNA do Crime'".

"Ela é uma sobrevivente. Tem um filho gay. Ela entende que é um desvio e precisa 'consertar' esse filho para que ele seja funcional. Ela precisa fazer tudo certo para ter uma chance na vida. Ela é uma mãe solo, superexplorada [no trabalho], e ele é um menino preto, retinto", afirma a atriz.

Em "Pedágio", trata-se de uma Suellen com menos capacidade de elaboração e menos condições de se impor do que a de "DNA do Crime". A personagem da série da Netflix, uma policial federal de Foz do Iguaçu, já na primeira aparição diz o que quer: volta ao trabalho de campo. O detonador de seus conflitos. Ou de suas fronteiras.

Fronteiras que não separam, mas unem, essência de "DNA do Crime". Situada na Triplíce Fronteira, a série é encaixada na Cidade do Leste, no Paraguai, e em Foz do Iguaçu, no Brasil, além da Argentina. Na série criada pelo cineas-

ta Heitor Dhalia, diretor-geral do projeto, não é o Paraguai quem exporta o crime, mas o Brasil quem faz o percurso. E também da investigação.

Por meio da trilha das amostras de DNA, a equipe de policiais encabeçada por Suellen e Benício, papel de Rômulo Braga, cuja obsessão é vingar o assassinato de um companheiro, desvela uma trama que conecta um roubo na Cidade do Leste com uma série de outros crimes, criando, assim, a maior investigação contra roubos a patrimônio da história do Brasil.

O seriado, que tem como roteiristas Bruno Passeri, Bernardo Barcelos, Davi Kolb, Rosana Rodini e Mariana Vielmond, tem sua trama inspirada em casos reais. "O uso de DNA me interessou nessa investigação complexa, [mas me interessa] também o DNA como metáfora da natureza mais profunda do ser humano. No final, fui entendendo que a série também era sobre fronteiras. Fronteira sobre países, certo e errado e a fronteira factual", diz Dhalia. Trata-se de uma história brasileira, com um tema brasileiro. Nossos personagens são personagens da polícia, do crime, da fronteira.

O diretor afirma que a série opera em duas vertentes. De um lado, há o aspecto de thriller investigativo e cinematográfico, com cenas de ação, assaltos, explosões. De outro, o aspecto da dramaturgia tradicional. "São duas escolas clássicas", diz o diretor.

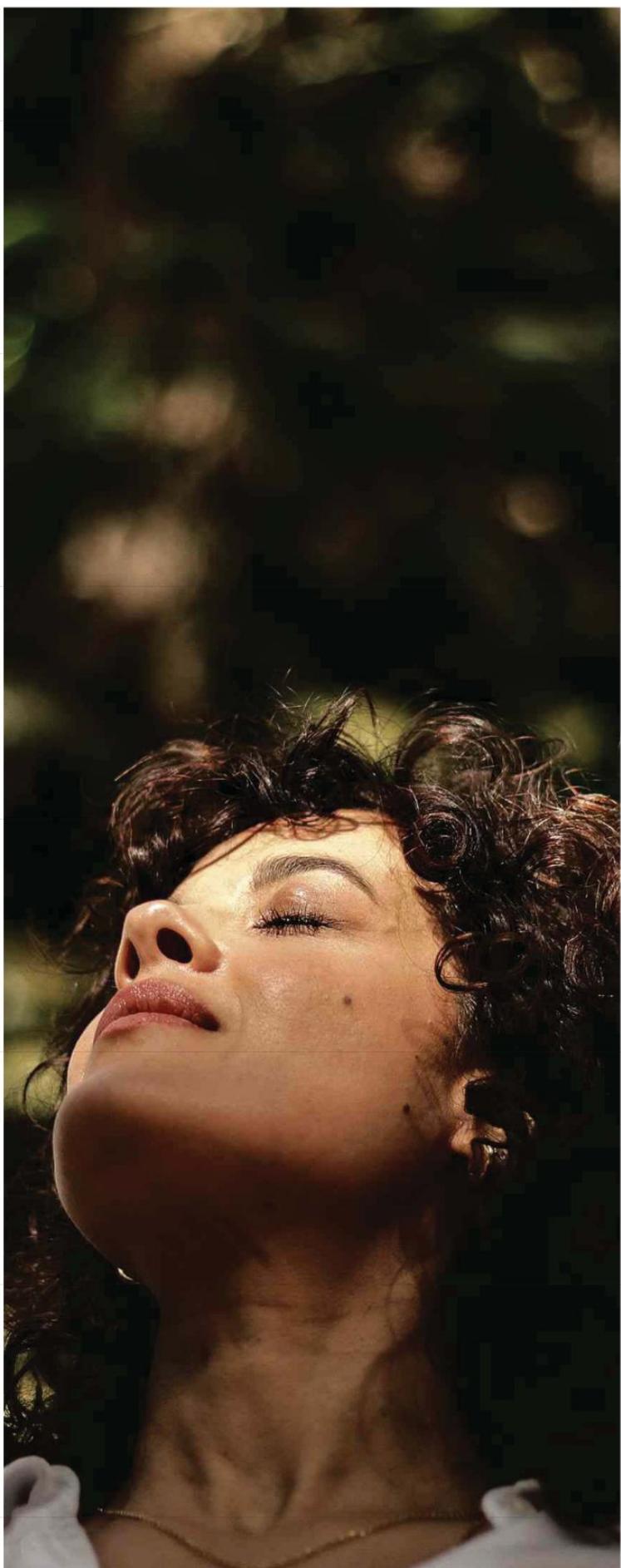
A primeira advém das tragédias do dramaturgo grego Sófocles, autor da trilogia tebana, que contém as peças "Edipo Rei", "Edipo em Colono" e "Antígona". Das sete tragédias, seis são [com personagens] suicidas", afirma Dhalia, que destaca o caráter obsessivo das personagens sofocianas. Como Antígona, que confronta a ordem de Creonte para dar um enterro ao irmão, sabendo que aquilo levaria a um desenlace fatal. E, como Benício, cego pelo desejo de vingar o parceiro morto.

"Outra linha é aristotélica das personagens que vão se transformando", diz Dhalia. Dessa linha faz parte a personagem Suellen, de Jinkings.

A série — com oito episódios na primeira temporada, disponíveis há duas semanas — tem início na Triplíce Fronteira, mas vai se expandir, numa espécie de geopolítica do crime organizado brasileiro. "A série inaugura essa coisa do tema fronteira no Brasil, abre um novo imaginário cinematográfico".

Como também, por meio de Suellen, a série tenta discutir o papel da mulher nas corporações policiais. Jinkings, que frequentou clube de tiro e conversou com policiais para compor a personagem, destaca a surpresa que teve ao conversar com policiais da Interpol e descobrir que as mesmas se valiam das expectativas e clichês masculinos a seu favor nas investigações.

Ela destaca as cenas de embate com seu marido na ficção, vivido pelo ator Erom Cordeiro. "As DRs estão construídas de maneira tão generosa", afirma. "Eu gosto muito dessas cenas. Conseguiram manter uma integridade."



A atriz Maeve Jinkings no jardim do café Objeto Encontrado, na Asa Norte, em Brasília. © Gabriel A. B. / Folhapress